

## EVIDÊNCIAS TRANSLINGUÍSTICAS DA METÁFORA DE MOVIMENTO NA CONSTRUÇÃO DE ASPECTO INCEPTIVO

Natalia Sathler Sigiliano (UFRJ)<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo analisa a Construção de Aspecto Inceptivo (CI) constituída pelo padrão sintático [V1fin (prep) V2inf]. O exame de um vasto número de usos empíricos dessas construções revela que os verbos os quais ocupam a posição de V1 compartilham, em seu uso pleno, a noção de movimento. O artigo, adotando como base pesquisas realizadas por Lakoff & Johnson (2002 [1980]), Lakoff (2006 [1979]) e Gibbs (2006), investiga as razões para o compartilhamento mencionado. Também, busca evidências translinguísticas da metáfora de movimento presente nas CIs para verificar a hipótese segundo a qual a presença das metáforas de movimento nas CIs nas várias línguas demonstra uma continuidade entre a capacidade da linguagem e as demais capacidades cognitivas, as quais são associadas às experiências humanas no mundo (GIBBS, 2006, GOLDBERG, 2006).

**PALAVRAS-CHAVE:** Aspecto Inceptivo; Metáfora; Movimento.

### INTRODUÇÃO

Comrie (1978 [1976]) define o *aspecto* como uma categoria distinta de *tempo*. Segundo ele, a categoria de tempo enquadra a estado de coisas em referência a outro tempo, geralmente, o momento da enunciação. Assim, o tempo é encarado como um dêitico, uma vez que localiza o tempo do estado de coisas no tempo da enunciação. Já o aspecto tem a ver com a constituição temporal interna de um estado de coisas.

Castilho (2010) define o aspecto verbal como sendo “uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender”. Além disso, Castilho (1968) propõe valores e, ligados a eles, aspectos que são típicos do português. Assim, apresenta valores baseados nos seguintes critérios: a) duração; b) completamento; c) repetição; d) neutralidade. De acordo com ele, com relação à duração, um dos tipos de aspecto que pode ser marcado é aquele em que podem reconhecer-se os primeiros momentos, pressentindo-se o prosseguimento do processo, chamado de *aspecto imperfectivo inceptivo*.

---

1. Doutoranda em Linguística na Faculdade de Letras, UFRJ. Bolsista Capes. E-mail: nataliasigiliano@gmail.com

Nesse sentido, a Construção Aspecto Inceptivo (CI) é aquela que segue o padrão sintático [ $V1_{fin}$  (prep)  $V2_{inf}$ ] e cuja semântica está relacionada ao início de uma ação ou um estado de coisas codificados pelo verbo que ocupa a posição de V2. Essa construção é constituída por um verbo auxiliar ou em processo de auxiliarização (V1) flexionado em tempo, modo e pessoa e um verbo infinitivo (V2). Entre eles, as preposições *a* e *de* podem aparecer, sendo que a primeira é a mais frequente nos dados. Observem-se os exemplos:

(1) Veio-lhe então um sobressalto de contentamento mas logo depois **caiu a entristecer**: sentia-se muito só, não lhe bastava o amor do pai e da velha Barbara; queria uma afeição mais exclusiva, mais dela. (CP, O Mulato, Aluísio de Azevedo, XIX)

(2) eu tive num: um tempo - nos Estados Unidos - então - éh:: era um programa desses de estudante - e aí eu fui pra uma escolinha dessa - fazer uma - conferência como eles diziam falar sobre o Brasil - e eu já tava irritada com aquele monte de gringo já tava de saco cheio - e eu fui na escola falar sobre - fui numa aula que é de economia doméstica e eu me **danei a dar** uma receita - eu digo “ bom - já falei sobre o Brasil agora vou dar uma receita típica “ (CP, Linguagem falada Recife, XX)

(3) Afastei-me, apressei o passo e ao chegar ao largo inconscientemente deitei a correr como um louco para a casa, os queixos batendo, ardendo em febre. Quando parei á porta de casa para tirar a chave, é que reparei que a minha mão direita apertava uma pasta oleosa e sangrenta. (CP, Dentro da noite, João do Rio, XX)

(4) Onde estava Mana? A névoa cobria o lago. Mana, pobre Mana. Chorávamos aflitos. Onde as igaras? Onde os audaciosos que haviam mergulhado nas águas? E todos desandamos a chorar, implorando a Tupã que poupasse a inocente. E, então, eis que o Cacique Caramatex vinha de regresso e, vendo o perigo por que passava a filha de seu coração, quis arrostar a tempestade. (CP, Os rios inumeráveis, Álvaro Cardoso Gomes, XX)

(5) Tônio fez meia-volta, formou uma corrida e saltou por cima do sofá que se achava na frente da lareira. Nora desatou a rir. O pai voltou a cabeça para ela num desafio. - É justamente o que fazem as pessoas que estão envelhecendo retrucou a rapariga. (CP, O resto é silêncio, Érico Veríssimo, XX)

(6) Se amolaram as palanganas, e lá se vão zunindo! - Aonde? - Para o mosteiro em busca de asilo. Agora é assobiar-lhes às botas, ou aos calcanhares. - Pega! exclamou um mais ardente e disparou a correr. Outros o seguiram maquinalmente. ao mesmo tempo o meirinho com seus acólitos, capturando os dois improvisados minorenses, se afastaram com eles, levando após a maior porção do povo. (CP, O Garatuja, José de Alencar, XIX)

(7) Mal tinha feito a promessa, olhou para uma banda e o que havia de ver? A vaca pastando muito de seu, no lugar onde escondera o bezerro. Pedro pulou de contente, laçou a vaca, e partiu. Em caminho, entrou a pensar que o santo nada havia feito; ele é que estava banzando sem prestar atenção. Por que, então, lhe havia de dar o dinheiro.(CP, Luzia- Homem, Domingos Olímpio, XIX)

(8) DEPOIS, vendo que não podia trabalhar, acabou se despedindo do botequim. Mas ficou rondando por ali, ainda muito pálido e magro, sem fazer despesas, conversando com os conhecidos. Aos poucos, a bem dizer sem se sentir, pegou a trabalhar para o bicheiro que fazia ponto na charutaria. De começo passava as listas, tomava jogo de um ou outro, quando o velho Jamil - que assim chamavam o bicheiro - se afastava um momento. (CP, Dôra, Doralina, Rachel de Queiroz, XX)

(9) O coupé esperava-a - Para o Rossio - disse. E, deitando-se para o canto da carruagem, rompeu a chorar, convulsivamente. Basílio saiu do « Paraíso » muito agitado. As pretensões de Luísa, os seus terrores burgueses, a trivialidade reles do caso, irritavam-no tanto que tinha quase vontade de não voltar ao « Paraíso », calar-se, e deixar correr o marfim. (CP, O primo Basílio, de Eça de Queirós, XIX)

Como foi possível notar, diversos verbos auxiliares ou em processo de auxiliarização podem ocupar a posição de  $V1_{fin}$ . Nessa construção, encaixam-se desde os mais prototipicamente aspectuais, como *começar*, *iniciar* e *principiar*, até aqueles que, com o tempo, ganharam contornos para fazê-lo, como *cair*, *dandar*, *deitar*, *desandar*, *desatar*, *disparar*, *entrar*, *pegar* e *romper*. Este texto tem como intuito analisar o conjunto dos  $V1_{fin}$  a que nos referimos por último.

Ao investigar semanticamente os verbos (V1) não-prototípicos da CI em seus sentidos lexicais, é possível notar que todos eles compartilham a categoria cognitiva de movimento (cf. JOHNSON, 1987). Tal fato pode ser analisado por meio da Teoria da Metáfora Conceptual (cf. LAKOFF, 2006 [1979]). Na perspectiva de Lakoff, as metáforas são concebidas como mapeamentos entre domínios conceptuais, constituindo-se num dos principais elementos da cognição humana e, com isso, parte da vida cotidiana. Esse autor, juntamente com Johnson (LAKOFF & JOHNSON, 2002 [1980]), ressalta ainda a base corporificada da metáfora, a qual é considerada, portanto, profundamente dependente da experiência humana no mundo. Tais linguistas, ao proporem metáforas do tipo: “TEMPO É ESPAÇO”, “MUDANÇA É MOVIMENTO” e “ESTADOS SÃO LUGARES” (LAKOFF, 2006 [1979], p.211), reafirmam tanto a base experiencial e concreta dos conceitos abstratos, quanto sua presença nos diversos tipos de processamentos cognitivos. Isso pode ser visto na CI, em que os  $V1$  não-prototípicos, em seus sentidos plenos, referem-se à categoria cognitiva do movimento.

Ainda, a presença da preposição *a* também corrobora a hipóteseda base metafórica dessa construção. Esse fato indica que a preposição mais frequente, eleita para compor a construção em análise, aponta para a noção de movimento, a qual, aliada às metáforas descritas acima, parece desencadear na cognição humana a noção da marcação de fase inicial de ocorrência de um estado de coisas, ancorada na metáfora de que AÇÕES SÃO MOVIMENTO PARA UM DESTINO.

Tendo em vista esses fatos, este artigo visa a buscar evidências translinguísticas para a metáfora de movimento em Construções de Aspecto Inceptivo semelhantes à encontrada no Português. Para tanto, procedeu-se à busca de padrões construcionais indicadores de aspecto inceptivo em outras línguas, que não o Português. Primeiramente, buscaram-se, nas bases de dados das FrameNets<sup>2</sup> do inglês, alemão e espanhol, através da ferramenta FrameSQL, verbos evocadores dos *frames* de início de atividade e início de processo. Após pesquisa, foi possível notar que esses verbos, no sentido pleno, também indicam movimento. Por fim, incluíram-se também dados do estoniano, uma vez que essa língua possui uma CI de base muito semelhante à do Português (PIROJA, 2011).

2. FrameNets são recursos lexicais disponíveis online, fundados no arcabouço teórico da Semântica de Frames e baseados em evidências advindas de corpora. São organizados por um conjunto de esquemas de significado (frames), relacionadas aos quais se encontram listas de itens lexicais que os evocam. Assim, junto ao frame de início de atividade, encontram-se verbos, como *start* e *begin*, nomes, como *beginning*, dentre outros itens lexicais.

Não se trata de argumentar que a presença da categoria cognitiva de movimento nas CIs de línguas tão diferentes seja uma evidência de um universal nos termos tradicionalmente propostos pela Linguística Gerativa, ou seja: inato e circunscrito ao domínio específico da linguagem. Ao contrário, a hipótese com que se trabalha é aquela segundo a qual a presença das metáforas de movimento nas CIs das várias línguas aponta para a continuidade entre a capacidade da linguagem e as demais capacidades cognitivas, todas fundadas na experiência humana no mundo (GIBBS, 2006, GOLDBERG, 2006).

## 1. A BASE CORPORIFICADA DA LINGUAGEM: A METÁFORA E A EXPERIÊNCIA HUMANA.

Diversos estudiosos já se referiram ao caráter corporificado da linguagem, aliando-o à base metafórica das estruturas conceptuais abstratas. Desde o fundador *The Contemporary Theory of Metaphor* (LAKOFF, 2006 [1979]), e mesmo antes dele, muitos estudos defenderam que os conceitos semânticos mais básicos (tais como tempo) são metafóricos e associados ao corpo e à cultura. Lakoff (2006 [1979], p.201-202) observa, por exemplo, que, no inglês, tal qual ocorre no português, o tempo é caracterizado em termos de espaço. Assim, propõe um conjunto de metáforas pelas quais é possível explicar os termos através dos quais se dá a conceptualização da categoria cognitiva de tempo. São elas: PASSAGEM DO TEMPO É MOVIMENTO, PASSAGEM DO TEMPO É MOVIMENTO DE OBJETO e PASSAGEM DO TEMPO É MOVIMENTO POR UM CENÁRIO.

Esse estudo inaugura uma série de trabalhos cujo objetivo é o de identificar outras metáforas fundadoras da cognição abstrata humana – em termos de projeções metafóricas para domínios conceptuais mais concretos –, as quais, invariavelmente, são ancoradas na corporeidade e na cultura. Seguindo esse viés, Lakoff & Johnson (2002 [1980]), ao analisarem distintas expressões linguísticas, tratam da existência de um sistema conceptual metafórico subjacente à linguagem, o qual exerce influência sobre o pensamento e as ações humanas. Partindo de usos cotidianos da linguagem, mostram que compreendemos o mundo por meio de metáforas, as quais são construídas com base em nossa experiência corporal. Assim, propõem que a linguagem tem base corporificada, o que fica evidente, por exemplo, em metáforas orientacionais, as quais apresentam base física e cultural (2002 [1980], p. 59, 60). Eles propõem que as metáforas orientacionais não são arbitrárias. Para ilustrá-las, um dos casos bastante difundidos é: FELIZ É PARA CIMA; TRISTE É PARA BAIXO, em que a postura caída corresponde à tristeza e depressão e a postura ereta se liga a um estado emocional positivo. Frases como *Ele é muito para cima!* ou *Aquele problema me deixou para baixo* ilustram a existência dessas metáforas ontológicas.

Johnson (1987) e Lakoff (1987) reafirmam a relação entre o corpo e a mente e sugerem hipóteses sobre o modo como a linguagem é associada às experiências corporais. De acordo com Johnson (1987, p.34), conceitos básicos – como força e posicionamento – emergem de nossa experiência física. Ele propõe, por exemplo, que “nosso esquema DENTRO-FORA emerge primeiramente da nossa experiência corporal, da nossa percepção e movimento”. Lakoff (1987) sugere que a categorização humana envolve, de um lado, (a) a experiência humana, a simulação de atividade motora e a cultura e, do outro, (b) a metáfora, a metonímia e as imagens mentais. Segundo ele, entender *como categorizamos* é central para o entendimento de *como pensamos* e de *como funcionamos*. Além disso, é essencial também para o entendimento de *que nos faz seres humanos*.

Apesar de oferecer argumentos convincentes a respeito da presença de metáforas na linguagem do cotidiano, a Teoria da Metáfora Conceptual não consegue, até o final do século XX, fornecer evidências empíricas acerca do ancoramento cerebral das projeções entre os domínios abstratos (dentre os quais os da linguagem) e os domínios corporais. No século XXI, entretanto, um conjunto de trabalhos revolucionaria novamente os estudos da metáfora.

Trata-se dos diversos experimentos comportamentais e de imagem cerebral realizados no sentido de comprovar a existência de uma relação neurobiológica entre domínios concretos e abstratos, em outros termos, no sentido de mostrar, no nível cerebral, a base corporificada da linguagem. Em um desses estudos, Gallese e Lakoff (2005), partindo da noção de que a compreensão dos conceitos básicos à experiência humana requer capacidades sensório-motoras do sistema corpo-cérebro, abordam as bases neurobiológicas da cognição linguística, mostrando que a compreensão é alcançada pela simulação da ação sendo compreendida<sup>3</sup>. Assim, para compreender um conceito como o de *pegar*, além de mobilizar as áreas funcionais do cérebro responsáveis pela linguagem, um falante mobiliza também o conjunto de neurônios responsáveis pela realização do ato de pegar, simulando, no nível neuronal, o movimento corporal indicado pelo conceito sendo compreendido.

Ainda no que diz respeito à corporificação da cognição, Gibbs e Matlock (2008) apresentam os resultados de uma série de pesquisas que visam a observar, por meio da investigação psicolinguística, o fato de que as pessoas entendem as metáforas criando uma simulação imaginativa de seus corpos em ação. Com isso, os autores defendem que

*o recrutamento de metáforas corporificadas em alguns aspectos da compreensão de metáforas verbais é feito imaginativamente na medida em que as pessoas recriam a situação de como seria se envolver em ações semelhantes [às envolvidas no processo de compreensão da metáfora]. A chave para esse processo imaginativo é a simulação, neste caso, a representação da própria ação apontada pela metáfora (GIBBS & MATLOCK, 2008, p.162)<sup>4</sup>.*

Segundo os autores, as pessoas simulam todos os tipos de coisas de todas as maneiras. Algumas simulações são físicas e servem a uma função comunicativa – como é o caso de ações como a de realizar um sinal com a mão para que um garçom feche a conta, ou de colocar a mão com o polegar e o mindinho esticados ao lado da orelha, enquanto os outros três dedos permanecem dobrados, para indicar que alguém telefonará para outra pessoa. Entretanto, há ainda outras simulações que são apenas mentais.

Tome-se, por exemplo, a possibilidade de qualquer pessoa se imaginar chutando uma bola. É possível simular mentalmente esse ato sem necessariamente ter que reproduzi-lo de maneira análoga com as mãos ou outra parte do corpo, em outras palavras, uma pessoa pode simular mentalmente todo o movimento corporal necessário para chutar uma bola (até mesmo para planejar o chute) sem a necessidade de usar seus dedos indicador e médio como representantes de suas pernas e uma bolinha de papel no lugar da bola real.

---

3. Nas palavras dos próprios autores: According to our hypothesis, understanding requires simulation. The understanding of concrete concepts – physical actions, physical objects, and so on – requires sensory-motor simulation. But sensory-motor simulation, as suggested by contemporary neuroscience, is carried out by the sensory-motor system of the brain. It follows that the sensory-motor system is required for understanding at least concrete concept (GALLESE & LAKOFF 2005, p.14).

4. the recruitment of embodied metaphors in some aspects of verbal metaphor understanding is done imaginatively as people re-create what it must be like to engage in similar actions. The key to this imaginative process is simulation, in this case the mental enactment of the very action referred to in the metaphor.

Tais processos imaginativos são, em larga medida, inconscientes, ou seja, pessoas simulam mentalmente independentemente de desejarem fazê-lo propositalmente. Tome-se, por exemplo, o fato de experimentarmos a sensação de movimento em simuladores de voo, mesmo quando não estamos voando de fato.

A grande questão discutida por Gibbs e Matlock (2008) se pauta na possibilidade de as pessoas simularem movimento na compreensão de fragmentos de linguagem nos quais um movimento físico não se faz presente – e.g. *pegar uma ideia, expulsar o mau humor*. Nesses casos, o movimento é metafórico e, ainda assim, é possível identificar simulações mentais de movimento corporal na interpretação desses conceitos.

De acordo com os autores, as simulações metafóricas não são abstratas, mas construídas em termos de como seria a ação corporal na qual se baseiam, ou seja, as pessoas imaginam o movimento de seus corpos de formas específicas para que assim se realize o entendimento metafórico dos conceitos abstratos.

Um dos experimentos criados para se demonstrar essa afirmação foi conduzido por Wilson e Gibbs (2007, apud GIBBS & MATLOCK, 2008, p.167). Nele, os participantes deveriam dizer se uma dada sentença metafórica fazia sentido apertando um botão ligado a um computador dotado de um *software* capaz de cronometrar com alta precisão o tempo de resposta do sujeito. Três condições experimentais foram criadas: na primeira, pedia-se aos sujeitos que realizassem um determinado movimento corporal que reproduzisse a base corporificada da metáfora antes da apresentação da sentença a ser julgada; na segunda, pedia-se que o sujeito realizasse um movimento corporal que não fosse condizente com a base corporificada da metáfora; na terceira, o sujeito não se engajava em qualquer ação antes do julgamento da sentença.

Logo, caso a sentença a ser julgada fosse “*pegar uma ideia*”, na condição 1, o sujeito deveria realizar a ação de pegar; na 2, ele deveria chutar algo, por exemplo; e, na 3, não deveria realizar qualquer ação. O tempo de resposta de sujeitos na condição 1 foi significativamente menor do que aquele dos participantes nas condições 2 e 3. Esse experimento, portanto, sugere que a ativação prévia das redes neurais envolvidas na realização de uma dada ação corporal necessária para a interpretação metafórica facilita esse trabalho de interpretação. Segundo Gibbs e Matlock (2008), isso ocorre porque, quando da interpretação, as redes neurais envolvidas na contraparte física da metáfora são ativadas de maneira a simular o movimento corporal necessário para o seu entendimento, mesmo que ele não esteja sendo realizado naquele exato momento.

Assim, uma proposta explicativa para a compreensão da metáfora sugere que o movimento do corpo ou a imaginação do movimento físico facilita o entendimento do conceito abstrato. Por meio dos estudos de caso, notou-se que um movimento não ativa um item lexical, mas indica como as pessoas criam uma simulação corporificada relevante para o entendimento de uma frase metafórica.

Mesmo quando o experimento exigia que as pessoas imaginassem ações corporais antes de especificar o sentido de uma sequência de palavras, percebeu-se que os participantes foram rápidos no processamento das metáforas quando a ação imaginada era consistente com o sentido da frase. Isso comprova o que as pessoas fazem para a compreensão da metáfora: simular mentalmente a ação.

Os diversos experimentos psicolinguísticos evidenciam que as pessoas simulam o movimento ao processarem sentenças metafóricas. Além disso, as pesquisas realizadas por Gibbs e Matlock (2008) mostraram que o pensamento sobre movimentos reais influencia o tempo que se leva para processar sentenças de movimento fictício. Outros experimentos mostraram, ainda, que a direção dos movimentos fictícios ou a progressão neles envolvida interferem na conceptualização de tempo.

A partir de uma vasta gama de experimentos comprobatórios, Gibbs e Matlock (2008) demonstraram que as ações corporais reais e imaginadas facilitam às pessoas a interpretação das metáforas verbais. Essas ações reais e imaginativas têm consequências específicas para a forma como as pessoas acessam o sentido das metáforas. Com isso, fica evidenciado que a metáfora é aliada da imaginação humana e que está relacionada à ação corporal.

Todas essas pesquisas sinalizam que a linguagem é corporificada e processada pela mente, bem como as outras atividades humanas. Isso leva à indicação de que, por mais que possam ser culturalmente influenciados, há padrões linguísticos básicos compartilhados pelos falantes das várias línguas. De maneira complementar, estudos em Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995; 2006) sugerem que as escolhas lexicais – e as categorias cognitivas nelas envolvidas – para a composição de uma construção não ocorrem de forma arbitrária. Pelo contrário, são motivadas por relações subjacentes à linguagem. Assim, uma vez que as categorias cognitivas subjacentes às escolhas lexicais são ancoradas na experiência humana no mundo e considerando que os falantes das várias línguas compartilham uma mesma biologia, é de se esperar que sejam encontradas semelhanças nas escolhas lexicais presentes nas Construções de Aspecto Inceptivo das diversas línguas do mundo, fato que aponta para a existência da continuidade da capacidade da linguagem com as demais atividades cognitivas.

## 2. EVIDÊNCIAS TRANSLINGUÍSTICAS PARA A PRESENÇA DA METÁFORA DE MOVIMENTO NA CI

Tal qual foi possível observar na introdução deste artigo, a presente análise focaliza o preenchimento da posição de  $V1_{fin}$  da CI por verbos não-prototípicos. Foram levantadas ocorrências de CI no Projeto Corpus do Português (CP) (DAVIES & FERREIRA, 2006), o qual permite o acesso a uma coletânea de textos de tipos e gêneros diversos, produzidos entre os séculos XIII e XX. Foram investigadas as ocorrências que se encaixam no padrão sintático  $V1_{fin}$  *cair, danar, deitar, desandar, desatar, disparar, entrar, pegar e romper*, seguido de  $V2_{inf}$ .

Os resultados das buscas são apresentados no Quadro 1. O que se nota é tanto a inserção de novos verbos na função de  $V1_{fin}$  quanto a extensão da construção para novos tipos semânticos de  $V2_{inf}$  ao longo dos séculos. Conforme já foi discutido em artigo anterior (SIGILIANO, 2011), novos verbos evocadores da categoria cognitiva do movimento corporal entram no esquema construcional primeiramente de forma especializada – já que, inicialmente,  $V1_{fin}$  se liga a poucos tipos de  $V2_{inf}$  - e, ao longo do tempo, estendem-se a outros tipos semânticos de  $V2_{inf}$ <sup>5</sup>.

5. Para uma análise detalhada dos processos de gramaticalização envolvidos na emergência da CI, vide Sigiliano (2011).

Ocorrências de [V1 <sub>fin</sub> cair (prep) V2 <sub>inf</sub> ]						Tipo Semântico de V2 <sub>inf</sub>
XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
			1	1	1	Ação
				1	-	Mudança de Estado
				1	-	Processo mental
				2	1	Emoção
Ocorrências de [V1 <sub>fin</sub> danar (prep) V2 <sub>inf</sub> ]						Tipo Semântico de V2 <sub>inf</sub>
XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
					2	Ação
					1	Mudança de Estado
					1	Processo mental
					1	Emoção
Ocorrências de [V1 <sub>fin</sub> deitar (prep) V2 <sub>inf</sub> ]						Tipo Semântico de V2 <sub>inf</sub>
XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
4	10	5	-	15	13	Ação
2	-	-	-	-	1	Percepção
	1	-	4	65	20	Deslocamento
		2	5	-	-	Estado
				2	4	Emoção
				2	-	Manipulativo
				1	-	Fenômeno da natureza
				4	-	Processo mental
				2	-	Sentimento
				1	-	Atitude proposicional
Ocorrências de [V1 <sub>fin</sub> desandar (prep) V2 <sub>inf</sub> ]						Tipo Semântico de V2 <sub>inf</sub>
XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
				1	10	Ação
				2	6	Emoção
				2	2	Deslocamento
				1	-	Percepção
				1	-	Mudança de Estado
					5	Elocução
					1	Fenômeno da natureza
Ocorrências de [V1 <sub>fin</sub> desatar (prep) V2 <sub>inf</sub> ]						Tipo Semântico de V2 <sub>inf</sub>
XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
			2	-	-	Mudança de Estado
				138	36	Emoção
				3	20	Ação
				7	16	Deslocamento
				2	8	Elocução
				1	2	Fenômeno da natureza
					1	Atitude proposicional
					1	Manipulação
Ocorrências de [V1 <sub>fin</sub> disparar (prep) V2 <sub>inf</sub> ]						Tipo Semântico de V2 <sub>inf</sub>
XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
				6	6	Ação
				8	-	Deslocamento
					2	Emoção
Ocorrências de [V1 <sub>fin</sub> entrar (prep) V2 <sub>inf</sub> ]						Tipo Semântico de V2 <sub>inf</sub>
XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
3	7	11	56	70	34	Ação
	3	2	9	35	11	Elocução
		1	-	8	2	Percepção
		1	-	6	-	Estado
			10	9	-	Processo mental
			2	1	-	Sentimento
			1	20	2	Emoção
				18	7	Deslocamento
				6	1	Atitude proposicional
				1	1	Desejo
				1	-	Fenômeno da natureza
Ocorrências de [V1 <sub>fin</sub> pegar (prep) V2 <sub>inf</sub> ]						Tipo Semântico de V2 <sub>inf</sub>
XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
				19	30	Ação
				3	4	Elocução
				3	3	Deslocamento
				1	3	Emoção
				1	-	Percepção
					1	Atitude proposicional
Ocorrências de [V1 <sub>fin</sub> romper (prep) V2 <sub>inf</sub> ]						Tipo Semântico de V2 <sub>inf</sub>
XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
				28	17	Emoção
				7	5	Ação
				3	1	Elocução
				2	3	Deslocamento

Quadro 1: Ocorrências da CI no Corpus do Português organizadas por V1<sub>fin</sub>, século e tipo semântico de V2<sub>inf</sub>.

Todos os  $V1_{fin}$  pesquisados evocam a categoria cognitiva de movimento, conforme se pode observar em seus usos como verbos plenos no português atual e/ou a partir de suas etimologias (veja-se Quadro 2).

$V1_{fin}$	Sentido pleno	Etimologia
<i>Cair</i>	ir de cima para baixo, ir ao chão; tombar	lat. <i>cadēre</i> 'cair, escorregar; cair no combate; abaixar-se, desfalecer, perecer'
<i>danar (-se)</i>	Atirar ou meter (algo) com ímpeto e decisão em; arremessar; iniciar (ação) com ímpeto e vontade; ir embora sem rumo, fugir apressadamente; desaparecer	lat. <i>damnāre</i> 'condenar judicialmente, censurar etc.' <sup>5</sup>
<i>Deitar</i>	deixar(-se) cair; lançar(-se), jogar(-se) para baixo	lat. medv. hsp. <i>dectāre</i> , f. contracta do lat. <i>dejectāre</i> 'derrubar'
<i>Desandar</i>	mover (veículo, animal etc.) para trás; percorrer (caminho, trajeto) em sentido inverso; recuar; voltar	<i>des-</i> + <i>andar</i> . lat. <i>ambulāre</i> 'ir, vir, passear, caminhar'
<i>Desatar</i>	desmanchar, desfazer (nó); desprender(-se), soltar(-se) o nó de	<i>des-</i> + <i>atar</i> . lat. <i>aptāre</i> 'acomodar, unir, juntar'
<i>Disparar</i>	fazer ir longe; arremessar, lançar; lançar, enviar (olhar)	lat. <i>disparāre</i> 'separar, distinguir, diferir'
<i>Entrar</i>	deslocar-se ou passar de fora para dentro de; ir ou vir para dentro de; introduzir-se em; invadir	lat. <i>intrāre</i> 'penetrar em (lugar fechado ou delimitado); tornar-se membro de; iniciar etc.'
<i>Pegar</i>	segurar; prender segurando; fixar(-se), aderir, colar	lat. <i>picāre</i> 'impregnar(-se) de breu ou piche'
<i>Romper</i>	criar abertura ou passagem à força em; arrombar; abrir, penetrando; passar para o interior de; dilacerar, penetrar, rasgar.	lat. <i>rumpēre</i> 'quebrar, rasgar, fender, arrebentar'

Quadro 2: Sentidos dos verbos investigados em usos como verbo pleno e suas etimologias. Fontes: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2009; Dicionário Escolar Latino-Português, 1956

O exame do significado e das respectivas etimologias mostra que todos os verbos não-prototípicos da CI analisados neste artigo pressupõem, em seu sentido lexical, a noção de movimento. Isso nos leva a crer que a escolha desses verbos de fato não é aleatória. Ela é motivada na medida em que os verbos que ocupam a posição de  $V1_{fin}$ <sup>6</sup> têm em seu âmago um quesito comum: a categoria de movimento que perpassa seu sentido.

6. Em trabalho anterior (SIGILIANO, 2012) explica-se como se deu o processo de gramaticalização que permitiu que os verbos plenos em questão passassem a ser usados como auxiliares.

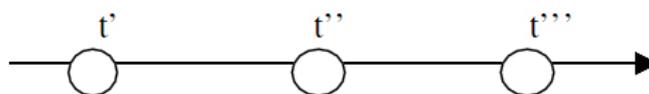
Sabe-se que metáforas como TEMPO É ESPAÇO (Lakoff & Johnson, 2002 [1980]) motivam mudanças como essas, visto que o movimento de um corpo em um espaço é encarado, nesse caso, como a passagem do tempo. Tal processo parece motivar a escolha, pelo falante, de verbos com características determinadas.

A interpretação proposta é confirmada pela escolha da preposição que ocorre intercalada entre V1 e V2 na CI. Veja-se novamente:

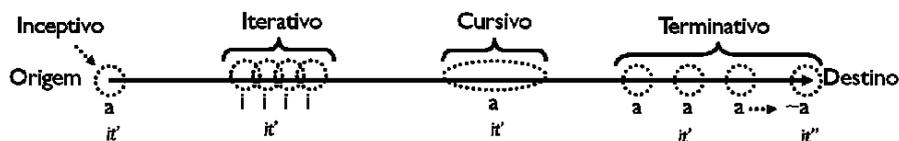
(10) DEPOIS, vendo que não podia trabalhar, acabou se despedindo do botequim. Mas ficou rondando por ali, ainda muito pálido e magro, sem fazer despesas, conversando com os conhecidos. Aos poucos, a bem dizer sem se sentir, pegou a trabalhar para o bicheiro que fazia ponto na charutaria. De começo passava as listas, tomava jogo de um ou outro, quando o velho Jamil - que assim chamavam o bicheiro - se afastava um momento. (CP, Dôra, Doralina, Rachel de Queiroz, XX)

A preposição de ocorrência típica na CI é *a*. Ao analisarmos sua etimologia, vemos que ela se origina da “prep. lat.tar. *a*, da prep.lat. *ad* ‘aproximação, início de uma ação etc.’”. No Dicionário Escolar Latino-português, de Faria (1956), a primeira acepção para a preposição *ad* é “aproximação, direção para (geralmente com ideia de movimento)”. Essas informações etimológicas reiteram a hipótese de que a escolha do falante não é arbitrária, sendo reforçada pela preposição *a*. Ela se une à noção de marcação de movimento do V1 para reforçar a noção do aspecto inceptivo.

Considerando a metáfora TEMPO É ESPAÇO, seria, portanto, possível tratar da marcação do movimento de um corpo em um espaço da seguinte maneira:



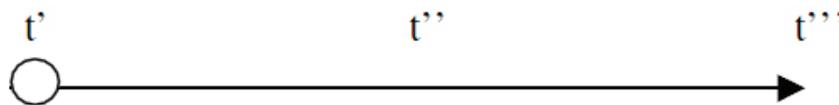
Nesse esquema, a seta representaria o lugar por onde o corpo se move e os círculos seriam o próprio corpo. A letra “t” sinaliza momentos de tempo distintos, pressupondo movimento para um destino. Dessa forma, uma maneira de esquematizar os aspectos imperfectivos do português seria:



No padrão sintático  $[V1_{fin} (prep) V2_{inf}]$ , V1 e preposição se uniriam para demarcar início de um processo apresentado por V2:

(11) Pôs-se à escuta e os olhos foram-se-lhe enchendo d’ água, uma opressão pesou-lhe no peito como se lho fosse esmagando e, de repente, afundando a cabeça no travesseiro, rompeu a chorar desesperadamente. (CP, 19Br:Neto, Turbilhão)

Assim, a construção disposta em (11) poderia ser esquematizada da seguinte maneira:



No caso da CI, o foco da ação seria no início do processo, portanto, destacando o  $t'$ , o início do desenvolvimento da ação, e demarcando, portanto, o Aspecto Inceptivo.

Porém, se consideramos que a linguagem é apenas uma das capacidades humanas e que ela é corporificada, tendo base nas demais, seria possível pensar que a metáfora TEMPO É ESPAÇO e que a associação do movimento corporal ao da ação, como ocorre nesses casos de gramaticalização, não são exclusivos da língua portuguesa. Afinal, se o movimento corporal pode refletir na designação do movimento mental aplicado à linguagem, isso deve se dar também em outras línguas, constituindo-se em mais uma demonstração clara de que há continuidade entre a capacidade da linguagem e as demais capacidades cognitivas. Todas elas seriam fundadas na experiência humana, neste caso, a de andar, correr e realizar outras ações que pressupõem movimento.

Num primeiro momento, poder-se-ia pensar que o mesmo ocorre nas línguas de origem comum ao português, as línguas românicas. Observem-se esses casos:

(12) Les enfants se mettent à courir. (Fonte: <http://lacoronica.org/>, La corónica 34.1, 2005)

(13) rompió a hacer versos desconsolados. (Fonte: <http://www.grancanariaweb.com/cine/edgar>)

Tanto no exemplo em francês, quanto no dado em espanhol, é possível observar o mesmo processo pelo qual passam os verbos da CI no português. Em ambos os casos, a delimitação sintática é a mesma e, principalmente, as características da construção são compartilhadas: há verbos que, em seu sentido lexical, denotam movimento e que, usados na CI, adquirem sentido de início de movimento, de marcação aspectual inceptiva.

No entanto, poder-se-ia pensar que essa relação é motivada pela origem comum às línguas, afinal francês, espanhol e português são línguas neolatinas. Caso isso ocorresse, veríamos a comprovação da origem comum, e não necessariamente da hipótese da corporificação da linguagem.

Porém, Yin (2002, p.79), ao pesquisar o verbo *kuru* ('vir') em japonês, verificou que ele pode denotar aspecto inceptivo, como em<sup>7</sup>:

(14) Hi            ga        kie-te        kita  
      fogo        NOM    sair-CONJ    vir-PASS  
      'O fogo começou a sair.' (Koga, 2001: 53)

(15) Ame ga        fut-te        kita.  
      chuva        NOM    cair-CONJ    vir-PASS  
      'Começou a chover.' (Kondo & Takano, 1993: 518)

7. As glosas dos exemplos (14) a (23) foram adaptadas dos trabalhos originais, tendo sido traduzidas para o Português.

Segundo Yin, o sentido inceptivo de *kuru* (*kita* na forma do passado) é motivado pela metáfora CAMINHO DE EVENTO É TRAJETÓRIA DE MOVIMENTO. De acordo com esse autor, se olharmos para o desenvolvimento do caminho de um evento como uma trajetória de movimento, o verbo *kuru*, nesses exemplos, é perspectivizado no início da trajetória, indicando o início do evento.

Novamente, vemos a CI formada por dois verbos com um deles marcando início de processo, mesmo sendo um verbo cujo sentido pleno indica movimento. Porém, foi empregado na construção para demarcação de aspecto e compartilha a característica com os demais da CI de ter em seu sentido a noção de movimento.

Nessa mesma linha, Piiraja (2011) mostra que, no estoniano, algo semelhante ocorre:

*O estoniano tem muitos verbos que carregam um sentido aspectual quando usados em associação a outros verbos. Verbos como lööma ‘bater’, panema ‘por’, pistma ‘colar’ podem indicar o início de uma ação, enquanto vihtuma ‘refrescar-se (em uma sauna)’ pode se referir a uma ação contínua. A maioria desses verbos também indica o modo como se inicia a execução da ação. Há vários desses verbos e eles variam dos mais específicos ao mais genéricos. Por exemplo, o verbo estoniano hakkama pode ter dois significados – ‘cercar, pegar’ e ‘começar’. O primeiro uso, mais lexical, tem reduzido sua frequência ao longo dos últimos séculos, abrindo espaço para o segundo uso, mais gramatical.’<sup>8</sup>*

De acordo essa autora, no estoniano, há verbos que tipicamente não são marcadores de aspecto e que passam a sê-lo com o tempo. Todos esses verbos são associados à noção de movimento. Veja-se:

(16) *hakkama* ‘agarrar’

Nad hakka-si-d                      vaidle-ma.  
Eles agarrar-PASS-3PL      discutir-SUP.  
‘Eles começaram a discutir.’

(17) *kukkuma* ‘cair’

Ma kukku-si-n                      karju-ma.  
Eu                      cair-PASS-1SG                      gritar-SUP  
‘Eu comecei a gritar.’

(18) *lahvatama* ‘explodir’

Tõrvik      lahvata-s                      põle-ma.  
Tocha      explodir-PASS-3SG      queimar-SUP  
‘A tocha começou a queimar.’

(19) *lööma* ‘bater’

Tähe-d      lõi-d                      sära-ma.  
Estrela-PL      bater-PASS-3PL                      brilhar-SUP.  
‘As estrelas começaram a brilhar.’

8. Estonian has many verbs which can carry aspectual meaning when used in combination with another verb. Verbs such as *lööma* ‘to hit’, *panema* ‘to put’, *pistma* ‘to stick’ can indicate the beginning of an action whereas *vihtuma* ‘to whisk oneself (in a sauna)’ can refer to a continuous action. Most of these verbs also indicate the manner of the beginning or the execution of the action. There are a number of such verbs and they range from more specific to quite general. For example, the Estonian verb *hakkama* can be considered to have two meanings – ‘to seize, to grab’ and ‘to start’ whereas the first, more lexical use has been decreasing in frequency over the last few centuries giving way to the latter more grammatical use.

(20) *minema* ‘ir’  
Auto ei lähe kái-ma.  
Carro NEG ir andar-SUP.  
‘O carro não vai andar.’

(21) *pahvatama* ‘explodir’  
Mees pahvata-s naer-ma.  
Homem explodir-PASS.3SG rir-SUP  
‘O homem começou a rir.’

(22) *pistma* ‘enfiar’  
Koer pisti-s hauku-ma.  
Cão enfiar-PASS.3SG latir-SUP.  
‘O cão começou a latir.’

(23) *puhkema* ‘romper’  
Laps puhke-s nut-ma.  
Criança romper-PST.3SG chorar-SUP.  
‘A criança começou a chorar.’

Os exemplos de (16) a (23) mostram que a Construção Inceptiva usada no estoniano é semelhante à do português no sentido de que a função de auxiliar aspectual inceptivo é desempenhada por verbos que, prototipicamente, evocam a categoria cognitiva de movimento.

Como se vê, a CI, em outras línguas, também pode ocorrer com dois verbos associados com um deles sendo originalmente um verbo de movimento<sup>9</sup>. Esse fato pode ser considerado mais uma evidência de que a criação das metáforas conceptuais é baseada na nossa experiência física e cultural (cf. LAKOFF 2006 [1979]), o que justificaria tantas confluências translinguísticas.

### 3. CONCLUSÃO

Neste artigo, por meio do levantamento contrastivo de construções marcadoras de aspecto inceptivo de línguas das mais diversas origens, foi possível apresentar evidências em favor da hipótese da corporificação da linguagem e de suas consequências para a estruturação metafórica das categorias cognitivas, mesmo as gramaticais, como o aspecto.

Ao se considerar a marcação de aspecto inceptivo no português, espanhol, francês, japonês e estoniano, evidencia-se que as Construções de Aspecto Inceptivo compartilham um atributo em comum: a presença de verbos sinalizadores de movimento corporal que passaram a marcar aspecto em conjunto com um V2, que aponta para a ação ou processo que se inicia.

9. O fato de o auxiliar apresentar-se como primeiro ou segundo verbo pode ser relacionado à ordem canônica de cada uma das línguas cujos exemplos foram analisados. Assim como o Português, o Francês, o Espanhol e o Estoniano são línguas SVO, enquanto o Japonês é SOV. Muitos estudos demonstram haver uma correspondência entre a posição de “modificadores” e a ordem preferencial das línguas. Segundo Lehmann (1973), em línguas SVO, modificadores tendem a ser colocados antes dos verbos, enquanto em línguas SOV, a posição preferencial passa a ser após o verbo. Nesse tema, veja-se também Kuno (1974).

Com base na metáfora de que TEMPO É ESPAÇO, conceptualiza-se a trajetória da marcação temporal interna do estado de coisas, ou seja, o aspecto. Esse fato, reiterado pelos dados, mostra que o uso da língua não ocorre de maneira arbitrária; ao contrário, há um fator motivador comum, que está ligado ao fato de que a língua tem base corporal. Assim, haveria projeção da noção de movimento corporal nos enunciados linguísticos, nos quais a marcação de aspecto inceptivo destacaria o início de movimento em uma trajetória.

Assim, este artigo segue a mesma direção de outros autores (LAKOFF, 2006 [1979]; LAKOFF & JOHNSON, 2002 [1980], JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995; 2006; GALLESE & LAKOFF, 2005; GIBBS & MATLOCK, 2008) que já apontaram para a base corporificada da linguagem, mostrando que as escolhas lexicais das construções ocorrem de forma motivada.

## CROSSLINGUISTIC EVIDENCE OF THE MOVEMENT METAPHOR IN THE CONSTRUCTION OF INCEPTIVE ASPECT

### ABSTRACT

This paper analyzes the Inceptive Aspectual Construction (CI) formed by the [ $V1_{fin}$  (prep)  $V2_{inf}$ ] syntactic pattern. From the surveys conducted in the Corpus do Português data base, it was possible to observe that verbs occupying the V1 slot in this construction share the sense of motion when used as main verbs. This paper, hence, based on research by Lakoff & Johnson (2002 [1980]), Lakoff (2006 [1979]) and Gibbs (2006), aims at investigating the reasons for such fact. Also, it seeks crosslinguistic evidence for the presence of the motion metaphor in the CI, so as to verify the hypothesis according to which the presence of such metaphor in different languages supports the claim for the continuity between language and other cognitive capacities, which are all associated to the human experience in the world (GIBBS, 2006, GOLDBERG, 2006).

**KEYWORDS:** Inceptive Aspect; Metaphor; Motion.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Castilho, Ataliba T. de. (1968). *Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Castilho, Ataliba T. de. (2010). *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.

Comrie, Bernard. (1978 [1976]). *Aspect*. New York: Cambridge University Press.

Davies, M.; Ferreira, M. (2006). *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>.

Faria, E. (1956). *Dicionário escolar latino-português*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura.

Gallese, V.; Lakoff, G. (2005). The Brain's Concepts: The Role of The Sensory-Motor System in Conceptual Knowledge. In: *Cognitive Neuropsychology*, vol. 21(0).

Gibbs, R. W. (2006). Metaphor Interpretation as Embodied Simulation. In: *Mind and Language*. Vol. 21, no. 3, p. 434–458.

Gibbs, R. W.; Matlock, T. (2008). Metaphor, imagination, and simulation: Psycholinguistic evidence. In: Gibbs, R. W. (org.) *Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. New York: Cambridge University Press.

Goldberg, A. (1995). *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press.

\_\_\_\_\_. (2006). *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Chicago: University of Chicago Press.

Johnson, M. (1987). *The Body in The Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason*. Chicago: University of Chicago Press.

Kuno, S. (1974). The Position of Relative Clauses and Conjunctions. In: *Linguistic Inquiry*, vol. V, n. 1, inverno, p. 117-136.

Lakoff, G. (2006 [1979]). The Contemporary Theory of Metaphor. In: Geeraerts, D. (org.). *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter.

\_\_\_\_\_. (1987). *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: University of Chicago Press.

\_\_\_\_\_. ; Johnson, M. (2002 [1980]). *Metáforas da vida cotidiana*. Trad.: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras.

- Lehmann, W. P. (1973). A Structural Principle of Language and Its Implications. In: *Language*, vol. 49, n. 1, mar.
- Lewis, C. T. & Short, C. (1879). *A Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press.
- Piiroja, P. (2011). *Aspectual verbs in Estonian*. Pôster apresentado no 54<sup>th</sup> Annual Meeting of The Societas Linguistica Europaea, Logroño.
- Sigiliano, N. (2011). O parâmetro da extensão e o princípio da persistência na gramaticalização da Construção Inceptiva em [V (prep) V<sub>inf</sub>] no português In: *Letras & Letras*, vol 27. n. 1. Uberlândia: EDUFU.
- Yin, H. (2002). A Cognitive Approach to the Japanese Verb Kuru ‘Come’. In: *Proceedings of the North West Linguistics Conference*. Disponível em <http://www.lib.sfu.ca>.